

# Formas de identificar, combater e prevenir o bullying no ambiente escolar: uma ação educativa com adolescentes em um colégio de Anápolis, Goiás

Carolina Bragança e Silva<sup>1</sup>; Esther Cardoso dos Santos Souza<sup>1</sup>; Larissa Guerra Fernandes<sup>1</sup>; Layne Mendonça Schmitt<sup>1</sup>; Valéria Menezes de Souza<sup>1</sup>; Bianca Rosa Rodrigues Rebelo<sup>2</sup>

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** *Bullying* é um termo de origem inglesa, caracterizado pela prática de ações violentas de forma direta ou indireta com o objetivo de humilhar, intimidar ou agredir um indivíduo que é considerado mais fraco pelo agressor. Esses atos têm consequências duradouras na vida coletiva da vítima tanto fisicamente quanto psicologicamente. Essa prática ocorre em vários segmentos da sociedade, mas predomina no ambiente escolar onde os motivos mais utilizados pelo agressor para afetar a vítima são: raça, religião e características físicas do indivíduo. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de uma ação realizada por um grupo de estudantes de medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA a respeito do *bullying* nas escolas no Colégio Couto Magalhães, em Anápolis, com cerca de 100 alunos com idade entre 10 e 15 anos que cursavam o ensino fundamental entre o 6º e o 9º ano. Para debater o referido tema foi criado uma ação intitulada “Formas de identificar, combater e prevenir o *bullying* no ambiente escolar”. Foi pedido para o aluno escrever em um papel o que as pessoas falam/pensam sobre ele. Posteriormente ele olhou em um espelho a sua própria imagem com o intuito de dizer o que ele realmente é. Os relatos foram impactantes e confirmou a gravidade do tema em questão. Por meio dessa ação foi possível identificar que a criação ou intensificação de políticas *anti-bullying* pela direção das escolas e por dirigentes governamentais é extremamente fundamental. Além disso, é de inteira importância o envolvimento de toda a comunidade. Aceitar os indivíduos como eles realmente são é um ato altruísta que deve ser cultivado diariamente, afinal o mundo é composto por pessoas completamente desiguais, que almejam sonhos diversos, mas que lutam por um bem em comum: o respeito.

**Palavras-chave:**  
*Bullying*.  
Escola.  
Adolescentes.

## INTRODUÇÃO

*Bullying* é um termo de origem inglesa, caracterizado pela prática de ações violentas de forma direta ou indireta com o objetivo de humilhar, intimidar ou agredir um indivíduo que é considerado mais fraco pelo agressor. Esses atos têm consequências duradouras na vida coletiva da vítima tanto físicas quanto psicológicas (ALBINO; TERÊNCIO, 2009; PEREIRA, 2009; JUVONEN; GRAHAM, 2014).

Essa prática ocorre em vários segmentos da sociedade, mas predominantemente a nível escolar. Isso ocorre devido à grande quantidade de indivíduos que se encontram no processo de construção da personalidade e ainda não adquiriram senso de coletivo o que pode gerar espírito de competitividade entre os estudantes e causar uma propensão para o desenvolvimento de *bullying*. Na escola, os motivos mais utilizados pelo agressor para afetar a vítima são: raça, religião e características físicas do indivíduo (MATOS; GONÇALVES, 2009; RIGBY, 2017).

O *bullying* pode ser realizado de forma direta por agressões e xingamentos ou de forma indireta ao espalhar rumores sobre a vítima. Na escola, percebe-se que essa classificação permeia entre os diferentes gêneros sexuais, mas a forma direta é mais praticada por meninos e a forma indireta está relacionada com as meninas. Esse fato é explicado pela construção social, étnica e cultural que os meninos têm à agressão e a necessidade de comprovação da força perante a vítima (BANDEIRA; HUTZ, 2012; SANTOS et al., 2014; SMITH, 2018).

A vítima está propensa a se tornar um futuro agressor devido às consequências ruins geradas pelo *bullying* que podem ser momentâneas ou durarem por toda a vida do indivíduo. Essas consequências envolvem: consumo de álcool e drogas devido à necessidade de escape, dificuldades para dormir e na tomada de decisões, distúrbios alimentares, queda de rendimento e evasão escolar, sofrimento físico e psicológico, automutilação, constrangimento, baixa autoestima, isolamento, estresse, baixa resistência imunológica, insegurança, agressividade, depressão, ataques de pânico e ansiedade. Assim, esse ato resulta em um ciclo e gera problemas de coesão social e de cidadania (GRAHAM, 2016; MENESINI; SALMIVALLI, 2017; NICKERSON, 2019).

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de uma ação realizada por um grupo de estudantes de medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA a respeito do *bullying* em adolescentes em uma escola da rede privada de Anápolis, o que revela a necessidade de conscientização e intervenção social acerca do tema.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

A atividade foi realizada por estudantes do terceiro período de medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA, no segundo semestre de 2019, no Colégio Couto Magalhães, em Anápolis. A equipe de Medicina da Família e Comunidade (MFC) orientou inicialmente a ação, uma vez que destinou aos universitários a responsabilidade de aplicar um questionário com o intuito de identifi-

car os principais problemas e questionamentos de cerca de 100 alunos com idade entre 10 e 15 anos que cursavam o ensino fundamental entre o 6º e o 9º ano. Com as respostas foram observados diversos temas que necessitavam de discussão, com um destaque significativo para o *bullying*, principalmente relacionado à obesidade, raça e adoção.

Para debater o referido tema foi criado uma ação intitulada “Formas de identificar, combater e prevenir o *bullying* no ambiente escolar” que foi baseada no livro “Jogo de Espelhos” de Sylvia Caiuby Novaes, professora de antropologia da Universidade de São Paulo. Essa obra diz respeito a um estudo antropológico que procura entender, a partir do exemplo dos índios bororós, como se constrói a autoimagem de uma sociedade, o modo como ela se imagina vista pelo olhar dos outros e pelo seu olhar. A metáfora dos espelhos (objeto utilizado na referida ação) representa essa relação "caleidoscópica", da qual partem diversas representações que nem sempre podem ser coerentes, mas que permitem visualizar bem o comportamento da sociedade.

A ação educativa foi feita da seguinte forma: em um primeiro momento foi pedido para o aluno escrever em um papel o que as pessoas falam/pensam sobre ele. Posteriormente ele olhou em um espelho a sua própria imagem com o intuito de dizer o que ele realmente é, isto é, sua opinião particular, sem considerar julgamentos alheios.

Os relatos foram impactantes e um dos que mais chamaram a atenção foi de um adolescente adotado que recebia insultos dos colegas de escola por essa razão. Outro relato bastante triste e, infelizmente, muito comum foi de uma aluna que sofreu agressões verbais e até físicas por ser negra. Diziam que ela jamais iria alcançar grandes feitos na vida, o que a fez tentar um suicídio que, por sorte, não foi concluído porque os pais conseguiram identificar logo no início do ato e, desde então, ela vem fazendo acompanhamento com o psicólogo e usando medicações para ansiedade e depressão.

O intuito foi fazer com que o aluno percebesse as suas principais características que os outros não veem, uma vez que a sociedade em geral está mais preocupada em formar estereótipos do que observar o real valor do outro. No entanto, um fator preocupante foi observar que alguns sofriam tanto por esses insultos ao passo de não conseguirem identificar mais as suas próprias raízes, pois acabavam se tornando realmente aquilo que lhe era atribuído. Ao final, o grupo de estudantes de medicina que realizavam a atividade fizeram um fechamento com o objetivo de demonstrar a necessidade de filtrar opiniões e julgamentos. Afinal, cabe a cada um reconhecer seus valores, validar suas crenças e firmar seus propósitos sem se deixar levar por conceitos criados por outros que não conhecem inteiramente a sua realidade.

Esse fechamento foi de inteira importância, visto que muitos alunos retribuíram com um *feedback*. Vários adolescentes disseram que consideraram bastante válida a sua participação na dinâmica, alguns relataram que estavam se sentindo acolhidos, já que não é de costume pessoas desconhecidas perceberem qualidades neles.

## DISCUSSÃO

A adolescência, que por definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) abrange pessoas no intervalo de 10 a 19 anos completos, é o grupo ao qual a ação foi destinada. É uma fase de desenvolvimento composta por uma confluência de novas descobertas no âmbito físico, social e psicológico e por uma inconstância emocional (OMS, 1965). Essas novas dificuldades intrínsecas culminam com a busca incessante pela personalidade própria, que tornam o adolescente mais vulnerável a riscos e atos de violência. Essa fragilidade é exposta, visto que, é comum o aumento das oportunidades de interações sociais e exposições a novos círculos de amizade nessa fase etária (FONSECA et al., 2013; LINS; BUENO, 2019).

Diante disso, para que a ampliação afetiva e cognitiva do adolescente seja completa, é imprescindível a existência de ambientes acolhedores, que transmitam segurança, auxílio e proteção. O *bullying*, no entanto, é um ato de violência social de ascensão crescente no mundo contemporâneo, tem ocorrido com bastante frequência nas instituições escolares e tem alterado esse ambiente. Além disso, pode causar grandes danos não só individuais, como também para toda a sociedade. É uma prática que viola a integridade moral dos indivíduos e é agravada pela omissão de várias pessoas e instituições que poderiam atuar na sua luta e prevenção, tais como pais e escolas (PIGOZI; MACHADO, 2015; LINS; BUENO, 2019).

No que tange à origem das ações do agressor, existem duas hipóteses. A primeira é o relacionamento familiar, um cenário composto por desunião, gerada principalmente, por posicionamentos opostos que não alcançam um denominador comum, por falta de respeito mútuo e por presenciamentos constantes de violência física e verbal. A segunda é a vivência de abusos na infância. Ambas as causas, refletirão na vida do indivíduo nos outros ambientes em que ele convive, sendo assim, um provável agressor. Na maioria das vezes, esses se comportam como líderes e provocadores dos demais e são populares, assim, usam dessas características para conseguir oprimir, desacreditar e fragilizar a vítima, principalmente, por meio de apelidos pejorativos (BARROS; CUZIN; HEES, 2012; PAIXÃO et al., 2014).

Além disso, segundo Brino e Lima (2015), autores e vítimas apresentam altas chances de isolamento, ansiedade, dificuldade para se ajustar socialmente, hiperatividade e distúrbios de personalidade. Dessa forma, cada indivíduo reage de maneira diferente ao *bullying* e os episódios independem do gênero.

Nota-se que uma das explicações para que haja o declínio do *bullying* de acordo com a idade é o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento por parte dos alunos, pois os mais velhos têm maior facilidade para ignorar os episódios, já alunos mais novos geralmente choram e fogem da situação, apresentando dificuldade em lidar com o ocorrido. Os alunos mais velhos conseguem desenvolver estratégias de enfrentamento ao *bullying*, com as quais se obtém maior sucesso. Ademais, outra razão é que os mais velhos anseiam por independência e autonomia, o que faz com que os alunos tentem resol-

ver o problema sozinhos, sem buscar ajuda. Há também a preocupação que o jovem tem com seu status no grupo de amigos, pois ele imagina que sua imagem possa ficar prejudicada perante aos amigos, caso peça ajuda (BRINO; LIMA, 2015).

Grande parte dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e normalmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir naquela situação e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio e falta de envolvimento pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, influenciando e reafirmando a atitude do autor. Além disso, grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores façam algo efetivo. Ressalta-se que quando as testemunhas interferem e tentam cessar o *bullying*, há sucesso na maioria dos casos. Portanto, é importante que haja incentivo do uso desse poder advindo do grupo, fazendo com que os autores se sintam sem o apoio social necessário, podendo fazer com que percam sua coragem (LOPES NETO, 2005).

O clima escolar também interfere na revelação, à medida que os alunos percebem o ambiente escolar como positivo, no qual atos violentos não são tolerados e os professores se engajam em pará-los, há maior chance de que eles revelem os fatos, pois assim esperam que algo seja feito. Infelizmente, a revelação do *bullying* é prejudicada em algumas escolas porque o mesmo é visto como característico daquele ambiente escolar, de modo que se pressupõe que não há o que possa ser feito para impedi-lo (BRINO; LIMA, 2015).

Da mesma maneira que existem inúmeras práticas do *bullying* (físico, psicológico, virtual e entre outros), também existem diversos ambientes propensos à propagação de tal violência. Entretanto, o ambiente escolar apresenta-se como o mais propício e mais relevante para a prática do *bullying*. Isso considerando que, a escola caracteriza-se como um meio de interação entre diversas culturas, religiões, ideologias e estereótipos físicos. Assim, baseado nisso, observa-se que o conjunto estabelecido entre uma sociedade intolerante e um ambiente heterogêneo, propicia ao desenvolvimento de ações e atitudes agravantes contra outros indivíduos, como é evidenciado no *bullying* (ZEQUINÃO et al., 2016).

Dessa forma, apesar da escola ser o ambiente mais relevante para essas agressões, não são evidenciadas, na grande maioria, medidas eficazes para o combate desse mal que afronta toda a sociedade desde épocas antigas e, principalmente, na atualidade. Baseado nisso, tem-se o despreparo dos profissionais da educação, em especial dos professores, para lidarem diretamente contra o *bullying*. Isso considerando que, apesar do núcleo familiar ser de extrema importância, são os educadores que convivem diretamente com esse grupo, o que facilita uma intervenção mais efetiva (ZEQUINÃO et al., 2016; MARCOLINO et al., 2018).

O *bullying*, portanto, manifesta-se como um problema de saúde pública complexo, que é desencadeado em consequência de grande intolerância social, capaz de segregar grupos de crianças e

jovens e gerar uma desordem no convívio, principalmente, no ambiente escolar (MARCOLINO et al., 2018; TREVISOL; CAMPOS, 2016).

## CONCLUSÃO

Por meio dessa ação foi possível identificar que a criação ou intensificação de políticas *anti-bullying* pela direção das escolas e por dirigentes governamentais é extremamente fundamental, uma vez que o *bullying* pode gerar inúmeras consequências para a vítima. Além disso, é de inteira importância o envolvimento de toda a comunidade (família, igreja e escolas, por exemplo) nesse processo de conscientização, visto que aumenta a inclusão social e a integração dos indivíduos na sociedade, aceitando as diferenças das pessoas e valorizando a democracia. Aceitar os indivíduos como eles realmente são é um ato altruísta que deve ser cultivado diariamente, afinal o mundo é composto por pessoas completamente desiguais, que almejam sonhos diversos, mas que lutam por um bem em comum: o respeito.

## REFERÊNCIAS

- ALBINO, P.L.; TERÊNCIO, M.G. Considerações Críticas sobre o Fenômeno Bullying: Do Conceito ao Combate e à Prevenção. **Atuação**, v. 15, p. 169-195, 2009.
- BANDEIRA, C.M.; HUTZ, C.S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012.
- BARROS, A.R.; CUZIN, M.I.; HEES, L.B. Bullying: tendências familiares e escolares assolam a sociedade brasileira e faz novas vítimas a cada dia. **Acta Científica. Ciências Humanas**, v. 21, n. 2, p. 22-32, 2012.
- BRINO, R.F.; LIMA, M.H.C.G. Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam? **Psicologia da Educação**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, n. 40, p. 27-39, 2015.
- FONSECA, F.F., et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.
- GRAHAM, S. Victims of bullying in schools. **Theory into practice**, v. 55, n. 2, p. 136-144, 2016.
- JUVONEN, J.; GRAHAM, S. Bullying in schools: The power of bullies and the plight of victims. **Annual review of psychology**, v. 65, p. 159-185, 2014.
- LINS, N.; BUENO, J.G.R. A prática do bullying e a responsabilidade civil no ambiente escolar brasileiro. In: XV Jornada de Iniciação Científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica, 2019.
- LOPES NETO, A.A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MARCOLINO, E.C., et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto Contexto Enferm.** v.27, n.1, 2018.

- MATOS, M.G.; GONÇALVES, S.M.P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 10, n. 1, p. 3-15, 2009.
- MENESINI, E.; SALMIVALLI, C. Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions. **Psychology, health & medicine**, v. 22, n.1, p. 240-253, 2017.
- NICKERSON, A.B. Preventing and intervening with bullying in schools: A framework for evidence-based practice. **School mental health**, v. 11, n. 1, p. 15-28, 2019.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Problemas de la salud e de la adolescência**. Informe de um comitê de expertos de la OMS. Geneve: OMS; 1965.
- PAIXÃO, G.P.N., et al. Violência escolar: percepções de adolescentes. **Revista Cuidarte**, v. 5, n. 2, p. 717-722, 2014.
- PEREIRA, S.M.S. Bullying e suas implicações no ambiente escolar. **Revista FACED**, n.15, p. 205-208, 2009
- PIGOZI, P.; MACHADO, A.L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509-3522, 2015.
- RIGBY, K. Bullying in Australian schools: the perceptions of victims and other students. **Social psychology of education**, v. 20, n. 3, p. 589-600, 2017.
- SANTOS, J.A., et al. The prevalence and types of bullying in 13 to 17 year-old Brazilian schoolchildren. **Revista de salud publica**, v. 16, n.2, p. 173-183, 2014.
- SMITH, P.K. Commentary: Types of bullying, types of intervention: reflections on Arseneault. **Journal of child psychology and psychiatry**, v. 59, n.4, p. 422-423, 2018.
- TREVISOL, M. T.; CAMPOS, C.A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 275-283, 2016.
- ZEQUINÃO, M.A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.